

relação as expectativas e decepções nos três grupos mostrando o quanto a liberação sexual está longe da paternidade maternidade responsável

Ao focar questões tão importantes e atuais este livro reforça minha tese de que a família nega a sexualidade sobretudo da jovem adolescente como se pode constatar

pelo segredo que protege a atividade sexual precoce e principalmente a grande e desagradável surpresa tanto para pais como para filhas ao surgir uma gravidez inesperada sinal evidente e inegável do exercício da sexualidade de adolescente

ROSA MARIA S. DE MACEDO ■

A história das mulheres virada pelo avesso

A História da Memória - Cotidiano e Trabalho da Mulher em Minas Gerais no Século XVIII

FIGUEIREDO Luciano

Rio de Janeiro: José Olympio/EdUnB, 1993. 249 p.

Pesquisas recentes no campo da História, Antropologia e Sociologia trouxeram novo aprofundamento ao estudo da família e da condição feminina no Brasil. A produção acadêmica dos últimos anos vem contribuindo com trabalhos pioneiros no sentido de desvendar formas alternativas de organização familiar e uma multiplicidade enorme de condicionantes que permitem questionar a memória que se construiu acerca da passividade e da submissão das mulheres na sociedade colonial. Instigantes abordagens na área da História Social e das Mentalidades ampliaram inegavelmente o campo de interesse dos estudiosos privilegiando novas fontes reles dos documentos com outro olhar e outras indagações.

E nesse contexto que se situa o livro de Luciano Figueiredo. Historiador Luciano tornou-se pesquisador do Arquivo Nacional desde 1984, atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Em 1990 tornou-se Mestre pela Universidade de São Paulo. Possui vários artigos em revistas especializadas e sua dissertação de mestrado *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas colonial* deveria ser brevemente publicada.

O Avesso da Memória: Cotidiano e Trabalho da Mulher em Minas Gerais no Século XVIII

e o resultado de uma pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas num de seus primeiros concursos de Pesquisa sobre Mulher. Concluída em 1984, revela um impressionante fofoego documental verdadeiro garimpo nos arquivos mineiros. Como afirma Laura de Melo e Souza no prefácio: "Ha oito anos atrás quando a história do cotidiano e das mentalidades ainda engatinhava entre nós quando o ato de vasculhar prateleiras e descera poroes atrás de papéis velhos passava por excentricidade a obsessão de Luciano Figueiredo pela pesquisa empírica era incomum, rara e aos olhos de muitos anacronica. Muito jovem ainda sem vínculos com os cursos de pós-graduação das universidades Luciano mostrava ser um pesquisador notável revirando manuscritos mineiros a espreita de mentalidades e indícios da vida material dos tempos antigos reconstruindo com paciência e sensibilidade comportamentos e práticas econômicas pouco ortodoxas."

Finalmente publicado, o texto original não sofreu praticamente alterações. Nem precisava. De uma atualidade incontestável seu grande mérito encontra-se no sólido lastro documental, na ousadia das hipóteses e na maestria com que as interpretações são tecidas e alinhavadas. Embora o tempo que separa a conclusão do trabalho da publicação do livro tenha sido preenchido por uma produção historiográfica do mais alto nível, como o próprio autor reconhece, no ambiente destas novas abordagens e novos temas, os trabalhos tem somado mais que dividido, chegando uns e outros (sob a crescente valorização da descoberta documental) a se renovarem num impulso definitivo, permanente e contínuo.

Sua contribuição específica nesse sentido é um primoroso desvendar do cotidiano e das múltiplas formas de participação das mulheres pobres na sociedade mineira dos Setecentos.

Argumentando com dois grandes mitos da historiografia mais tradicional o da abrangência da família patriarcal no tempo e no espaço que construíram a nossa história e o da acomodação das mulheres no espaço das casas grandes e das senzalas o autor abre novas perspectivas para os estudos sobre as formas alternativas de organização dos núcleos do mestiço e o papel das mulheres pobres na sociedade colonial e escravista

No esforço bem sucedido de reconstrução das formas de organização familiar e da presença feminina quer no interior das estruturas domiciliares quer no contexto social mais amplo chama a atenção para as particularidades regionais traço que marcou profundamente a evolução social do Brasil Colonial e para a especificidade da região mineradora. Nela a grande maioria do contingente feminino era constituído por negras mulatas pardas carijós ou cabras cuja pobreza e marginalidade tornaram nas capazes de participar com maior independência na vida econômica e social dos núcleos urbanos. Exercendo atividades produtivas e remuneradas constituíam-se amancebando-se participando das irmandades organizando batuques e folguedos eram tidas pelas autoridades coloniais como agentes prodígio na trama da desordem social. Sobre elas recaiu a violência dos mecanismos repressivos da Metrópole além de estímulos e condenações morais de todo tipo.

Sem dúvida nenhuma *O Averso da Memória* nos proporciona além de uma deliciosa narrativa uma grande viagem pelos núcleos urbanos mineiros seguindo os passos e os estratagemas dessa população inconstante e ameaçadora em sua faina diária pela sobrevivência as escravas que possuíam relativa mobilidade pelas ruas e becos das cidades aquelas que desafiavam a hierarquia social e racial por desfilar luxuosamente vestidas as negras de tabuleiro que aliavam a venda de quitutes o oferecimento do próprio corpo as forras vendeiras que transformavam seus estabelecimentos em casas de alouche e a si próprias em desinquietas alcoviteiras. Convida nos inclusive a visitar os domicílios pobres dirigidos por viúvas ou mulheres abandonadas e amiúde frequentados por homens que tratavam ilícitamente com elas e suas filhas.

Mas o campo de abrangência desta obra vai além tornando-se referência obrigatória para os interessados e estudiosos do Século do Ouro mineiro. Dialogando com estudos recentes e já clássicos sobre aquela sociedade

reitera a visão do falso fausto das Minas setecentistas. Embora contribuisse através dos quintos reais para a opulência da Metrópole foi predominantemente marcada pelo estigma da pobreza contrariando o sonho partilhado por muitos do mítico Eldorado. Sociedade fluida e móvel tornava-se difícil o controle e a acomodação de seus habitantes não apenas devido aos grandes deslocamentos em busca dos veios auríferos mas ainda pela sua própria composição social.

Assim desfrinchando a documentação de caráter oficial basicamente de cunho repressivo interpretando os interesses ostentados e a visão de mundo dos segmentos dominantes Luciano Figueiredo desvenda as contradições do cotidiano das Minas marcado pela pobreza desordem dispersão e rebeldia. São portanto as protagonistas da miséria sua árdua luta pela sobrevivência além dos arranjos e soluções inventados por elas cotidianamente no espaço da família do lazer da religião da sexualidade do amor e da resistência individual e coletiva as personagens e os temas deste livro.

Mas vamos a eles.

Em *Comércio feminino e tensão social* o autor descreve uma das mais ativas ocupações caracteristicamente femininas naquele período o comércio varejista. Marginalizadas dos trabalhos da mineração e excluídas dos ofícios mecânicos pardas e negras forras e escravas foram figuras importantes para o abastecimento tão precário de gêneros básicos à população mineradora. A participação essencialmente feminina na organização e no controle do comércio varejista fosse ele fixo (em vendas) ou ambulante (através das famosas negras de tabuleiro) criou uma situação controversa e difícil de lidar no entender dos agentes metropolitanos. Embora essenciais para o abastecimento de vilas e cidades as vendas eram focos de desordens perigo e tensão. Ao seu redor criava-se um espaço de sociabilidade dos desclassificados e a possibilidade de afirmação de laços de solidariedade entre grupos cuja dispersão era a maior garantia de controle e sujeição.

Portanto vendeiras e negras de tabuleiro constantemente perseguidas pela legislação colonial eram tidas como perigosas por pautarem sua sobrevivência na transgressão da ordem social. Como sugere o autor captar o conflito aberto entre a rebeldia destas mulheres e a persistência secular da administração colonial foi como transpor os frágeis limites daquelas imagens da mulher como seres conservadores e

imoveis

Em *Prostituição e desordem* Luciano discute as análises historiográficas que abordam tangencialmente o problema da prostituição na sociedade colonial escravista e cuja tônica é *reforçar o susposto desregramento nos costumes da população colonial*. A seu ver no contexto das Minas setecentistas livres e forras aderiram sistematicamente a prática da prostituição premidas por sua extrema pobreza. Traça um círculo vicioso segundo o qual as mulheres dos segmentos desclassificados teriam no meretrício uma *alternativa acessível de garantir o sustento diário* e no caso das escravas de complementar o jornal devido aos seus senhores. No entanto as alcunhas depreciativas a elas imputadas *Rabada Foguete A Mãe do Mundo* sugerem ter sido essa forma de sobrevivência mais um mecanismo a imprimir na condição social destas mulheres a marca da transgressão encobrindo os condicionantes que as empurraram aquela prática.

Assim mais uma vez o trabalho de Luciano nos convida a percorrer a intimidade dos prostíbulos e das casas de alouco, o calor dos batuques e dos folguedos onde as prostitutas com muito escândalo entregavam seus corpos embriagavam-se provocavam brigas e ferimentos. Mas sua narrativa nos leva ainda mais longe ao relacionar essa história do cotidiano das camadas pobres com interpretações globalizantes sobre a estruturação e a dinâmica dos aparelhos ideológicos administrativos e fiscais na região. Se a preocupação da Igreja baseava-se nos desvios morais que causavam ofensas a Deus e aos bons costumes as razões do Estado voltavam-se prioritariamente para a arrecadação eficaz dos tributos reais. Inovando mais uma vez as interpretações históricas o autor sugere que de todos os elementos que concorreram para a difusão da prostituição entre as mulheres libertas em Minas Gerais poucos foram tão significativos quanto a obrigação que em certo momento passaram a ter no pagamento ao Estado de um pesado imposto por sua condição social.

Meretrício, ligações ilícitas, concubinato são formas alternativas e transgressoras de viver e amar nas Minas setecentistas. Em *Vida familiar* o livro aborda a prática do concubinato noção que abarcava uma complexa e extremamente variada trama de relacionamentos humanos chegando a confundir-se em vários momentos com tipos diferentes de prostituição. Embora em seu empenho normativo *Coroa e*

Igreja insistissem no matrimônio como estratégia de disciplinarização dos moradores da capitania e de controle sobre o alto grau de mestiçagem da população a incidência do concubinato na documentação de cunho repressivo sugere ter sido essa forma de relacionamento a regra entre os segmentos desclassificados. A partir da reconstituição dos núcleos do mestiço mineiro (estudo que retoma e desenvolve magistralmente em sua dissertação de mestrado *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas colonial*) o autor constata a frequência com que ocorria entre as camadas pobres daquela sociedade uma redefinição dos papéis sexuais no interior do grupo familiar. O caráter itinerante e movediço da população mineradora deu margem a que um número expressivo de domicílios fosse organizado em termos matrifocais ou seja eram controlados por mulheres que devido a ausência por vezes prolongada dos maridos ou companheiros tornaram-se chefes de famílias.

Contestando assim as análises historiográficas baseadas em interpretações idealistas acerca de uma sociedade marcada longamente pela distância entre a vontade de seus dirigentes e a realidade cotidiana de seus integrantes e ainda as abordagens que reforçam historicamente a domesticação da mulher Luciano resgata a memória da rica diversidade que caracterizou as relações de concubinato no seio dos desclassificados sociais para quem família em seu sentido legal inexistia.

O quarto ensaio *O universo religioso* fornece como afirma Laura de Melo e Souza uma ótima contribuição ao estudo das visitas episcopais no Brasil colonial. Nele o autor trabalha exaustivamente com as devassas eclesíasticas instrumento normatizador da Igreja que agindo paralelamente ao Estado buscava disciplinar comportamentos desviantes dos moradores da capitania. Tais registros constituem a seu ver uma preciosa radiografia da vida coletiva e individual dos núcleos urbanos mineiros. Dos testemunhos fornecidos as devassas emergem elementos com os quais reconstituem não apenas o universo social no qual transitavam as mulheres despossuídas mas igualmente o seu mundo interior povoado por desejos, medos, paixões, odios, manifestações de rebeldia e soluções frente a violência que marcava o seu cotidiano.

Retomando os estudos sobre o papel das irmandades em Minas *emprenhe uma interes*

sante análise da atuação feminina nessas organizações religiosas chamando a atenção para as múltiplas formas de inserção das mulheres de segmentos sociais diferenciados nas instituições coloniais. Embora fundamentais para o controle social e moral das camadas dominadas, as irmandades constituíram-se talvez na única alternativa de associação permitida à população de cor na colônia transformando-se num importante referencial de identidade para os segmentos empobrecidos. *Nelas as mulheres pobres tiveram uma marcante participação usufruindo inclusive da assistência material dispensada aos seus irmãos.* Inversamente para os setores proprietários longe de representarem um espaço de atuação para as mulheres brancas, as irmandades foram instrumento de reforço de sua submissão à ordem patriarcal.

Revela ainda as frágeis fronteiras entre religião e rebeldia na vivência sincretista da religiosidade popular na colônia. Em *Poder, resistência e trabalho* descreve em cores vivas o temor das autoridades frente aos ajuntamentos lúdicos de negros e forros, homens e mulheres. Ao convidar-nos a passar do espaço acomodaticio das irmandades para o ambiente inflamado dos batuques e folguedos recupera o imaginário social da época acerca da religião e do lazer das camadas populares. O caráter tipicamente urbano da formação social na região deu margem à proliferação de inúmeras manifestações culturais coletivas, embora reprimidas, da população forra e escrava. Não raro envolvidas por uma atmosfera sobrenatural

nas quais se suspeitava invocarem os demônios, as danças supersticiosas e calundus, assim como a feitiçaria constituíram-se para o autor na dimensão mais agressiva da resistência dos dominados. Por outro lado, o lazer das classes trabalhadoras ia de encontro à eficácia do sistema colonial sugerindo o ocioso ou ainda o contrabando do tempo de trabalho.

Assim situadas nas fronteiras entre o mundo do trabalho e o universo da desordem, ao negarem os papéis e os estereótipos supostamente femininos, as mulheres pobres das Minas Setecentistas descobriram e inventaram cotidianamente formas de resistência à dominação a que estava sujeita a sua classe e o seu sexo, construindo uma nova identidade, tecendo o avesso de uma memória.

Para finalizar, voltamos ao ponto de partida e certamente de chegada, que motivou Luciano Figueiredo a percorrer os caminhos trilhados pela condição feminina no Brasil colonial. O propósito que o levou a superar o mito tão eternizado nas consciências coletivas do lugar social atribuído à mulher brasileira, não se reduz a um simples exercício histórico. Como ele mesmo confessa, revelar o avesso da memória e criar condições para o enfrentamento de suas raízes que sustentam os estereótipos sobre a condição feminina no Brasil, é caminhar no sentido da construção de sua identidade. E dessa forma contribuir para o avanço da luta política das mulheres em nossa sociedade.

MARIA FERNANDA BICALHO ■